

SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	9
Mariangela Rios de Oliveira Maria Maura Cezario	
<i>Gramática de Construções: princípios básicos e contribuições</i>	17
Maria Angélica Furtado da Cunha Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda	
<i>Objetividade, subjetividade e intersubjetividade na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional</i>	47
J. Lachlan Mackenzie	
<i>Forma e função: reflexões a partir da Linguística Cognitiva</i>	67
Lilian Ferrari Diogo Pinheiro	
<i>Análise linguística em perspectiva funcional: o caso de modificadores nominais</i>	91
Edvaldo Balduino Bispo José Romerito Silva	
<i>Considerações acerca de vamos diretos, todas contentes, bastantes grandes, muitas boas</i>	113
Martin Hummel	
<i>Hipercorreção e analogia: o caso dos participios passados</i>	141
Marcos Bagno Vânia Cristina Casseb-Galvão	
<i>Funções retóricas e ordem: relação entre pragmática e morfossintaxe</i>	157
Erotilde Goreti Pezatti Roberto Gomes Camacho	

<i>Orações condicionais no português: uma análise à luz da Gramática Discursivo-Funcional</i>	185
Táisa Peres de Oliveira Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale	
<i>Construções subjetivas avaliativas no português do Brasil</i>	205
Nilza Barrozo Dias Maria Luiza Braga	
<i>Sobre os autores</i>	225

APRESENTAÇÃO

Com grande satisfação, apresentamos à comunidade acadêmica da área dos estudos linguísticos a coletânea *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*, que reúne nove capítulos voltados para a reflexão teórica e a análise empírica no âmbito das mais recentes tendências da pesquisa de cunho funcionalista, tanto a de orientação norte-americana quanto a de orientação europeia. Os autores aqui reunidos constituem-se em referência internacional e nacional da área, com investigações de ponta, cujos resultados interessam sobremaneira a todos que participam nessa área.

O contexto que proporcionou a presente publicação foi a terceira edição do Simpósio Internacional de Linguística Funcional (III Silf), ocorrido em 2015 no Instituto de Letras da UFF, numa parceria entre o Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, pela UFF, e o Programa de Pós-Graduação em Linguística, pela UFRJ. Organizaram o evento os membros do Grupo de Estudos Discurso & Gramática de ambas as instituições referidas, ratificando sua liderança na pesquisa de cunho funcionalista no Brasil.

Cumprindo os objetivos iniciais de sua criação, que teve a primeira edição na UFMT, em 2011, e a segunda na UFSCar, em 2013, o Silf, em sua terceira edição, reuniu no *Campus* do Gragoatá graduandos, pós-graduandos e pesquisadores de universidades brasileiras e do exterior que se dedicam aos estudos linguísticos, a partir das várias vertentes teóricas funcionalistas e de suas interfaces. Propiciou-se espaço para a divulgação de pesquisas e, principalmente, para a reflexão e a discussão conjunta sobre diferentes objetos de investigação, particularmente os problemas de análise, as perspectivas teóricas e as metodologias de trabalho, notadamente na interface entre a pesquisa funcionalista e a cognitivista, com foco na abordagem construcional da gramática, na construcionalização e na mudança construcional, com base notadamente

em Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2015). Nesse sentido, como mais um produto do III Silf, esta coletânea apresenta-se como a síntese acadêmica do evento, um marco e uma referência para os que atuam na área da investigação funcionalista de ponta.

O perfil acadêmico dos autores aqui reunidos demonstra a dimensão do evento e a excelência dos textos. Os nove capítulos, todos escritos em português, são assinados pelos pesquisadores estrangeiros Lachlan Mackenzie (Universidade de Amsterdã, Holanda) e Martin Hummel (Universidade de Graz, Áustria), bem como pelos pesquisadores brasileiros Maria Angélica Furtado da Cunha, Edvaldo Balduino Bispo e José Romerito Silva (UFRN), Roberto Gomes Camacho e Erotilde Goreti Pezatti (Unesp/SJRP), Marcos Bagno (UnB), Flávia Hirata-Vale (UFS-Car), Patrícia Fabiane Cunha Lacerda (UFJF), Vânia Cristina Casseb-Galvão (UFG), Lilian Ferrari, Maria Luiza Braga e Diogo Pinheiro (UFRJ), Nilza Barrozo Dias (UFF) e Taísa Peres de Oliveira (UFMS). Nos parágrafos seguintes, resumimos cada um dos nove textos apresentados; a ordem dos textos segue no sentido dos de base ou reflexão mais de ordem teórica, seguidos pelos que se dedicam a descrições e análises de cunho empírico.

No capítulo “Gramática de Construções: princípios básicos e contribuições”, Maria Angélica Furtado da Cunha e Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda apresentam os pressupostos teóricos do modelo de Gramática de Construções, conforme Goldberg (1995, 2006), Croft (2001) e sobretudo Traugott e Trousdale (2013). Segundo esse modelo, a gramática de uma língua é uma rede de construções linguísticas. As autoras trazem, no capítulo, uma discussão a respeito de como os modelos construcionistas vêm contribuindo para a compreensão da mudança linguística. Nessa linha, elas analisam os diferentes modos de se conceber construção e abordam a proposta de Traugott e Trousdale para compreensão da mudança linguística. Segundo esses autores, há dois processos básicos de mudança: a construcionalização, que ocorre quando um novo pareamento forma-função é criado na língua; e as mudanças construcionais, que são mudanças ou na forma ou no conteúdo de uma construção já existente. Metodologicamente, é preciso analisar pelo menos três parâmetros para

dar conta da emergência de construções numa língua: esquematidade, produtividade e composicionalidade, todos vistos em termos de gradiência.

Em “Objetividade, subjetividade e intersubjetividade na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional”, Lachlan Mackenzie faz um percurso histórico e uma reflexão teórica de como essa vertente funcionalista de origem holandesa, iniciada por Simon Dik nos anos 70 do século XX, ainda como Gramática Funcional (GF), foi, progressivamente, incorporando em suas pesquisas a dimensão (inter)subjetiva. Para o autor, a guinada da GDF na consideração de aspectos linguísticos concernentes à subjetividade e à intersubjetividade reside no refinamento metodológico desta vertente funcionalista, na incorporação de outras operações e níveis de análise para além do inicial foco nos Estados de Coisa (EsC). Na mesma linha, os pesquisadores da GDF superaram a análise de frases intuídas para a pesquisa a partir de dados efetivos de uso, de situações de interação, o que, de outra parte, redimensiona os fatores de ordem subjetiva e intersubjetiva em jogo. Dos quatro componentes propostos pela GDF na abordagem funcional da língua – o gramatical, o conceitual, o de saída e o contextual, destaca-se o último, o contextual, como aquele que tem melhores condições de incorporar a dimensão subjetiva e a intersubjetiva para a análise interpretativa dos usos linguísticos. O autor encerra o capítulo destacando, de outra parte, a falta de consenso entre os pesquisadores da GDF acerca do papel do componente contextual para dar conta das dimensões aludidas e o diálogo recentemente travado com a Linguística Cognitiva, que partilha também o trajeto *objetividade > subjetividade > intersubjetividade* em sua trajetória teórica.

No capítulo “Forma e função: reflexões a partir da Linguística Cognitiva”, Lilian Ferrari e Diogo Pinheiro traçam um rico panorama da complexa relação entre o tratamento formal e o funcional na história dos estudos linguísticos, chegando ao ponto central de sua análise – a abordagem da relação entre estrutura e sentido no viés cognitivista, com base em Langacker (1988; 2008), Van Trijp (2013), Suttle e Goldberg (2011), entre outros. Com crítica e autocrítica, os autores apresentam o estado da arte nesse

campo de pesquisa, com foco nas contribuições do Cognitismo para a compreensão das relações entre a natureza formal e a funcional da linguagem. Nesse sentido, discutem como a pesquisa cognitivista tem lidado com o binômio motivação x geratividade, defendendo que a investigação da área tem contemplado, via de regra, aspectos motivacionais, o que torna o enfrentamento da geratividade como verdadeiro desafio aos pesquisadores cognitivistas. Ainda que diante desse desafio, concluem os autores que o Cognitismo tem se mostrado um campo de pesquisa muito promissor, original e instigante, capaz de oferecer explicações relevantes para a relação forma x função na pesquisa linguística.

Edvaldo Balduino Bispo e José Romerito Silva, no capítulo “Análise linguística em perspectiva funcional: o caso de modificadores nominais”, apresentam os pressupostos teóricos da Linguística Funcional norte-americana, ilustrando os principais conceitos da área com dois fenômenos linguísticos: (a) a correlação entre locução adjetiva e adjetivo; (b) a relação entre orações relativas passivas e adjetivos deverbais no particípio passado. Os autores consideram as motivações semânticas implicadas no uso das formas, assim como testam os princípios da iconicidade e da marcação na análise dos fenômenos apresentados. Com relação ao primeiro fenômeno, os autores afirmam que a escolha do tipo de modificador deve-se a diversas motivações, como fatores estruturais, semânticos, cognitivos e pragmáticos, para que o discurso atenda aos objetivos dos interlocutores. A análise do segundo fenômeno demonstra que o uso de passiva em oração adjetiva, como em “(...) advogados *que são reprovados*”, e o uso de adjetivo, como em “Advogados *reprovados*”, são instâncias de construções diferentes e que possuem, portanto, especificidades formais e semânticas diferentes.

Em “Considerações acerca de *vamos diretos, todas contentes, bastantes grandes, muitas boas*”, Martin Hummel apresenta uma análise detalhada do uso de formas como *direito, contente e bastante* modificando verbos ou adjetivos no português oral brasileiro. O autor procura verificar quais são os contextos em que as formas surgem flexionadas em gênero feminino ou em número plural, buscando explicações de ordem funcional para tal concordância,

considerada erro pela tradição gramatical. Também verifica os contextos em que as formas são invariáveis, demonstrando que a regra geral realmente é a não concordância do adjetivo com valor adverbial, mas que é preciso se levar em consideração item por item. Por exemplo, *direito* e *direitinho* costumam aparecer sempre de forma invariável; já *bastante* tem usos com variação de número (como em “*bastantes favoráveis*”) e *meio* ocorre com variação de gênero e número (como em “com a aparência *meia estranha*”) em alguns contextos do *corpus* analisado. O autor, ao final, faz uma comparação dos usos dos adjetivos com valor adverbial no português do Brasil e no português de Portugal, indagando se as diferenças encontradas poderiam servir de argumento para a hipótese de criouliização do português do Brasil em relação à flexão. O autor também chama a atenção para o papel da escola no ensino dos usos sem concordância em formas como *meio* (é comum haver ênfase no ensino da não flexão quando a forma funciona como advérbio), o que contribuiria para dar a impressão de que as pessoas naturalmente usariam menos a concordância.

No capítulo “Hipercorreção e analogia: o caso dos participios passados”, Marcos Bagno e Vânia Cristina Casseb-Galvão se dedicam à análise interpretativa do uso das formas verbo-nominais de participio passado no português contemporâneo do Brasil. Deixando o tratamento clássico basicamente variacionista que pares do tipo *frito/fritado*, *falo/falado*, *aceite/aceitado*, entre outros, têm recebido na abordagem linguística, os autores investigam tais usos à luz de pressupostos funcionalistas mais recentes, com base em Bybee (2015) e Traugott e Trousdale (2013), enfatizando motivações ligadas à analogização, à produtividade e à hipercorreção que impactam o uso de participios passados em nossos dias. Como conclusão de sua pesquisa, de ordem eminentemente qualitativa, os autores relacionam a duplicidade participial passada à ocorrência de mudanças construcionais, que têm na variação linguística uma de suas consequências mais salientes.

Erotilde Goreti Pezatti e Roberto Gomes Camacho, em “Funções retóricas e ordem: relação entre pragmática e morfosintaxe”, apresentam uma proposta de análise de usos considerados tradicionalmente como anacoluto e pleonasma, como “*A casa,*

não sendo grande, não podiam lá caber todos.” (Kury, 1985, p. 112) e “*Aos ricos, nada lhes devo.*” (Kury, 1985, p. 111). Com base na linha da Gramática Discursivo-Funcional (cf. Hengeveld; Mackenzie, 2008), os autores propõem que usos como esses sejam vistos não como figuras de linguagem, mas como construções recorrentes da gramática da nossa língua, apresentando diferentes funções retóricas, como a de concessão e a de esclarecimento. O capítulo também oferece aos leitores uma revisão dos pressupostos teóricos da corrente funcionalista adotada para servir de base para a análise tanto das funções semântico-pragmáticas como dos contextos morfossintáticos das construções em estudo. Concluem que o que a tradição gramatical chama de estilo é na verdade uma propriedade da gramática da língua.

No texto seguinte, sob o título “Orações condicionais no português: uma análise à luz da Gramática Discursivo-Funcional”, Taísa Peres de Oliveira e Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale levantam e analisam orações condicionais de variedades diversas do português, com base, principalmente, em Hengeveld e Mackenzie (2008). As autoras procedem a uma descrição integrada das orações condicionais conforme os níveis e camadas distinguidos pela base teórica contemplada. São tratados especificamente os níveis interpessoal, representacional e morfossintático. Os dados analisados foram coletados no *corpus* de português oral organizado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, em parceria com a Universidade de Toulouse-Le Mirail e a Universidade de Provença-Aix-Marselha. Como resultado do tratamento qualitativo dos dados, as autoras confirmam que o modo como formulações pragmáticas e semânticas, tomadas nos níveis superiores, determina o modo de expressão morfossintática da oração condicional; nesse sentido, observam correspondência entre as funções de condição e correção, cumpridas pelas condicionais, e as posições definidas pela GDF como preposição (P^{pre}) e posposição (P^{post}), respectivamente.

Por fim, Nilza Barrozo Dias e Maria Luiza Braga, no capítulo “Construções subjetivas avaliativas no português do Brasil”, adotam perspectiva construcional, com base em Traugott e Trousdale (2013) e Langacker (2011), entre outros, para investigar

o esquema verbo *ser* finito + adjetivo avaliativo + oração completiva subjetiva, em perspectiva histórica. As autoras, a partir de análises qualitativas e quantitativas, levantam e descrevem *tokens* da construção subjetiva avaliativa, cujo registro inicial nos dados data do século XVI. Entre os resultados mais significativos da pesquisa apresentada, citam-se: a referida construção é instanciada preferencialmente posposta em relação à oração matriz; das microconstruções desse esquema, *ser bom, justo, difícil, fácil* são mais instanciadas do que as respectivas formas antônimas; a construção em foco é caracterizada como de composicionalidade e produtividade mediana e alta esquematicidade; em termos discursivos, essa construção auxilia na construção, manutenção e finalização de tópico e na intensificação da argumentação; e, em termos semânticos, veicula sentido impessoal ou genérico, em relação ao entorno linguístico, marcado por experiências mais pessoais do emissor.

Assim, esta coletânea traz importantes reflexões e resultados de pesquisa no que há de mais atual na área da linguística funcionalista. Há aqui tanto informações relevantes em termos teóricos e metodológicos de diferentes olhares dentro da linguística funcionalista para a compreensão da linguagem como também há a aplicação dos modelos teóricos na análise de fenômenos da língua portuguesa, em particular. Nesse sentido, a obra é de interesse para pesquisadores e alunos de graduação e de pós-graduação da área de Letras e áreas afins.

Mariangela Rios de Oliveira (UFF/CNPq)

Maria Maura Cezario (UFRJ/CNPq)